

Entrevista biográfica de experiência migratória – História Oral

Projeto: Viena Latina – VIELAC¹

Data: 20.01.2025

Lugar: Endereço particular

Entrevistadora: Chiara von Benedek[C]

Entrevistado: Daniel [D]

Edição: Rayen Cornejo Torres, Daniel & Anderson Abreu

Número do Documento: Entrevista 67

Entrevista:

D: Olá, sou Daniel. Sou brasileiro e venho do interior da Bahia. A primeira vez que vim a Àustria foi para um intercâmbio em Gestão Estratégica, no período de 2014-2015. Depois vir à Austria, retornar ao Brasil e de viver em diferentes lugares outra vez em Austria, me mudei para Viena em 2021 e, na sequência, comecei a trabalhar aqui.

C: Daniel, poderias nos contar com mais detalhes quais motivos te trouxeram para Àustria?

D: No início eu fiz intercambio aqui na Austria, em 2014-2015. Intercambio de inverno, o que foi uma maravilha pra mim. Eu nunca tinha visto neve, foi a primeira vez. Eu fiz o intercambio em Salzburg. Eu nunca tinha ido para fora, então foi minha primeira viagem pra fora do país também. Das opções que eu tive, a Austria era a melhor porque era a mais desafiadora. Eu não queria ir pra Portugal, porque fala português e é muito próximo da cultura brasileira e do meu idioma, obviamente. Também não queria ir pra Espanha, justamente por isso, porque eu queria um lugar que me desafiasse. Eu tinha 21 anos na época e vim pra cá em Setembro de 2014. Fiquei de Setembro até Março de 2015. Foram exatamente 6 meses, foi uma maravilha, gostei muito. Foi durante a graduação então eu fiz algumas matérias na Universidade de Salzburg. Fiz matérias em inglês e comecei a aprender alemão lá, mas um alemão que na aula era inexistente porque eu só sabia falar: “*ein Bier, bitte*” e era isso.

¹ *Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. O mesmo se aplica ao consórcio Viena Latina, formado pelo Instituto Austríaco para a América Latina (LAI), pelo Wien Museum e pela Academia de Belas Artes de Viena.*

C: Então você conseguiu trabalhar paralelo ao mestrado?

D: Consegui. A Austria foi uma opção, porque o mestrado custa por volta de 700 euros por semestre pra quem não tem cidadania europeia e podia trabalhar 20h por semana. E eu cheguei no final de Setembro e comecei a trabalhar em Janeiro. No início do mestrado não tinha como trabalhar porque se eu perdesse nas matérias, eu saia do mestrado. Eu tava eliminado do mestrado então eu tinha realmente que estudar porque os primeiros meses eram eliminatórios, ou era o primeiro semestre. Mas no começo de Janeiro eu comecei a trabalhar no aeroporto como repositor do Duty Free. E depois em Abril eu acho, eu comecei a trabalhar como garçom. Eu trabalhei por 11 meses como garçom em um hotel lá em Innsbruck. Então quando eu vi, eu já falava alemão que é uma coisa importante porque né, já falo português, inglês e espanhol porque não alemão? Talvez seja importante pro futuro, logo fiquei estudando alemão no Brasil. Quando eu vim pra cá eu já falava alemão, mas pra mim não é a mesma coisa, por mais que você aprende muito bem, é diferente falar com um local do que falar só com um professor por exemplo. E foi legal nos dois empregos porque eu trabalhava em alemão, vários dos meus amigos do mestrado eram austríacos. Fora da Austria ou da Alemanha, também tinha uma amiga que era Espanhola e uma dos Estados Unidos. Depois, quando eu já tava no mestrado eu pensei: “ah, trabalhei já bastante no Brasil, mas não tenho experiência na minha área” então quero trabalhar na minha área aqui na Austria, aí comecei a aplicar pra estágio. Só que a primeira vez que eu comecei a aplicar pra estágio, eu comecei acho que em Abril pra fazer estágio nas férias de verão, mas isso é muito tarde pra Austria, é muito em cima da hora. No último semestre eu consegui fazer um estágio porque eu comecei a aplicar assim que o semestre começou. Não, perdão, foi assim que o penúltimo semestre começou que eu comecei a aplicar. E fui aprovado num estágio numa empresa lá em Salzburg pra de novo trabalhar em alemão, só que na minha área. Eles eram bem abertos então foi bem legal, era uma mistura de alemão, inglês e tal e isso era 2020. O ano perfeito pra procurar emprego, pra se formar no mestrado.

C: O que você estudou no mestrado?

D: Gestão estratégica. Eu fiz administração no Brasil e fiz gestão estratégica na área de negócios. O estágio era de 6 meses então eu terminei em Junho ou Julho, não me recordo agora quando terminou. Mas eu voltei pra Innsbruck porque eu tinha um quarto lá que eu tinha sublocado e quando comecei a enviar currículo foi engraçado porque no meu currículo ainda tava o endereço de Salzburg. Então eu fiquei uns dois meses ou um mês em Innsbruck e depois comecei a trabalhar de novo em Salzburg

numa empresa que não foi legal. Eu trabalhei em alemão e em inglês, e não foi legal. Tanto que eu fui embora depois de 6 meses e vim pra Viena.

C: Como foi sua experiência nessa empresa?

D: As atividades eram muito chatas. Eu trabalhava uma semana no mês e nessa semana eu trabalhava muito e as outras semanas eram bem entediadas. Também o clima era muito ruim. Tanto que quando eu comecei na empresa, nós éramos oito. Quando eu saí, ficaram quatro pessoas só e dessas quatro, uma ia sair em Junho ou Julho e eu saí dessa empresa em Março.

C: O que te motivou a mudar para Viena?

D: Não, não queria morar nessa cidade. Eu tinha uma vida muito boa, tanto em Innsbruck como em Salzburg. A minha vida social era muito boa, eu tinha vários amigos lá. Com alguns eu já não tenho contato, vários saíram tanto de Innsbruck como de Salzburg. Mas eu tinha uma vida muito boa, tinha natureza e eram cidades pequenas, dava pra fazer tudo de bicicleta. Eu vim pra Viena, a cidade é grande, não tem montanha, não tem natureza pelo menos não em comparação com Salzburg ou Innsbruck. E eu não queria me mudar pra cá. Eu me mudei porque tinha que trabalhar então foi isso que me motivou. Eu recebi uma oferta de emprego. Eu procurei emprego tanto em Salzburg como em Innsbruck mas não tinha e aí Viena foi o que teve.

C: Como você se sente em Viena depois de quatro anos?

D: Agora eu gosto, mas não no inverno em Viena. Eu amo o inverno, sempre amei o inverno, tanto no Brasil quanto em Salzburg e em Innsbruck. Aqui em Viena eu odeio porque é escuro, não neva, só venta e não tem sol. Eu morei no distrito 20 antes, num WG [apartamento compartilhado] com outras três pessoas e éramos quatro no total. Mas foi horrível. Tanto que eu só fiquei lá dois meses, eu acho. Eu dei um mês assim pra ver se as coisas melhoravam e não melhoraram. Os colegas de apartamento não eram muito sociáveis. Eram todos Austríacos. Só que era 2021, início de 2021. Então um nunca tava lá, o outro era estudante e era muito estranho e o outro também. Eles eram estranhos, a gente não fazia muitas coisas juntos e tal. Eu não me sentia bem vindo, o apartamento era sujo e as pessoas eram desorganizadas, não era algo para mim. Então, eu mudei de WG e fiquei numa outra no mesmo distrito, fiquei lá por um ano, um ano e meio, eu acho. Foi uma maravilha, tanto que os dois são meus melhores amigos aqui em Viena. Nenhum dos dois mora mais na WG. Um mora com uma namorada, o outro tava morando só e vai se mudar agora de novo pra uma WG. Mas sim, sempre no distrito 20 e quis vir para o distrito 2 porque era uma área nova, o preço do apartamento era bom e eu adoro. Não quero

sair. O apartamento fica entre o Danúbio e o canal, tem o Prater perto e o Augarten então é gostoso, eu gosto. Só não é tão perto do metrô, mas não se pode ter tudo na vida. Com Viena eu tenho uma relação de amor e ódio. No futuro tenho anseio de voltar para uma cidade menor, mas por enquanto Viena é o que tem.

C: Como foi para você o acesso ao mercado de trabalho como imigrante?

D: Minha opinião é que aqui tem mais oportunidades pra quem fala inglês porque é uma cidade maior e eu acho que as empresas estão mais abertas a trabalhar em inglês. Mas das minhas experiências, em várias empresas em que eu trabalhei, o que acontece é que pra você ter uma posição melhor de *manager* [liderança], tem duas coisas: ou você tem que falar alemão nativo, ou você tem que ser austríaco ou alemão. Então essa é a experiência que eu tive em todas as empresas que eu trabalhei, eu sempre notei isso que você consegue trabalhar e aplicar, mas pra ter uma posição mais alta, de liderança – pelo menos a impressão que eu tenho – é que você tem que ter nascido aqui ou na Alemanha ou tem que ter um alemão perfeito, mesmo que você vá trabalhar em inglês. Em quase todas as empresas que eu trabalhei o que eu conheço, essas posições mais altas são ocupadas por pessoas daqui da Austria ou da Alemanha e os outros cargos, os cargos mais operativos são ocupados por imigrantes. Então, é bom no sentido que tem mais oportunidade, que dá pra trabalhar em inglês. Na primeira vez que eu trabalhei, eu trabalhei em inglês mas é ruim, porque as oportunidades mais altas serão dadas pra alguém daqui, ou da Alemanha, e também tenho a impressão que por ser imigrante, eu tenho que me provar. Por mais que eu corra, vai ser muito difícil ter uma posição alta ou de *management* [liderança]. Essa é a minha percepção pessoal: que as pessoas estão abertas mas, abertas até certo ponto.

C: Como foi sua experiência nas entrevistas de trabalho e depois estando contratado?

D: Eu tive três experiências, aqui em Viena na verdade quatro. A primeira empresa era de tecnologia do setor automotivo e era uma empresa bem internacional mas outra vez, era internacional nos cargos mais baixos e a entrevista foi em inglês. O trabalho ia ser em inglês, mas falar em alemão me dava uma vantagem em relação aos outros candidatos. Então, teve um momento dessa entrevista que foi em alemão e nessa empresa também todos os cargos altos, posições de *managers* [líderes] e de *CEO* [diretoria] ou de diretores era de austríacos ou de alemães. Perguntaram se eu falava alemão, mesmo se a entrevista fosse em inglês, então eu tive que falar alemão e lá eu trabalhava uns 60% do tempo em alemão, uns 40% em inglês. E eu tinha um colega do México que foi bem legal, porque quando dava a gente falava em espanhol. E quando trabalhava com pessoal da Espanha eu falava em espanhol e isso

era bem legal. Aí depois passei por um curto período em uma organização internacional e nessa organização internacional eu trabalhei em um braço da instituição internacional que era voltado pra América Latina. E eu trabalhei *full* [o tempo inteiro] em espanhol. Os e-mails eram escritos em inglês, mas eu trabalhava em espanhol e também trabalhei em português, porque tive um encontro com alguns representantes do governo brasileiro nesse trabalho. Então como a organização é internacional, alemão lá era inexistente. Era muito presente o inglês, o espanhol e o português, já o alemão era inexistente, 5% do tempo, sei lá. E depois dessa organização, como eu não tinha contrato fixo eu continuei aplicando pra outras empregos e foi quando eu entrei em outra empresa internacional, também de origem alemã, do Sul da Alemanha. E nessa empresa, a entrevista foi em alemão, mas depois também teve uma parte em inglês. Meu chefe e meu colega eram alemães, eu tinha também outros dois colegas, um era alemão e a outra era austríaca. Só que o sentimento que eu tive nessa equipe, por mais que a empresa era internacional e tinha pessoas de todos os lugares do mundo, as pessoas não estavam abertas pra uma pessoa de fora, pra um estrangeiro. Eu trabalhava a maior parte do tempo em alemão ou em inglês, e foi horrível. Eu senti que um dos fatos de ter sido horrível foi justamente por não ter alemão como língua materna e por eu não ser um deles, então foi bem ruim. Fiquei um ano e três meses eu acho, tanto é que eu sai da empresa e eles contrataram um outro alemão. Na verdade, eu não sai da empresa, mas da equipe. A empresa é muito legal, várias pessoas de vários lugares. Tem *managers* [gerentes] que são de fora da Alemanha ou da Áustria, mas são gerentes ou diretores que já estavam nessa posição nos seus países de origem. Então eles foram transferidos pra Viena ou então ficavam trabalhando aqui por um tempo pra depois voltar pro país deles. E eu não sei se no futuro essa empresa vai contratar estrangeiros que não sejam de Alemanha ou da Áustria, ou talvez da Suíça, mas eu nunca trabalhei com suíço, pra trabalhar em um cargo de diretoria ou num cargo de gerência ou de *CEO*, num cargo assim mais alto. Depois dessa empresa eu pensei em tirar uma pausa, porque foi muito ruim e comecei a trabalhar agora numa nova empresa que é uma empresa francesa que tá sediada na Austria. É uma empresa internacional sem origem austríaca ou alemã e meu chefe é um francês que fala alemão com um sotaque que eu gosto. E tem uma outra pessoa num cargo alto que também é francês e fala alemão com um sotaque bem pesado mas de novo, as outras posições de gerência são ocupadas por alemães ou austríacos, mas por sorte meu chefe é francês então acho que apesar de ser uma empresa em que eu to falando em alemão o tempo todo, eu sinto que eles tem mais abertura. Não sei se é por ser uma empresa internacional, francesa e baseada em Viena ou se é porque é minha primeira semana de trabalho, então essa é minha primeira impressão. Mas eu tenho a impressão de que eles são mais abertos por ser uma empresa mais global.

C: A forma como você encontrou o seu trabalho foi por meio de sua rede de contato com latinos americanos ou outra?

D: Sim e não. Sim porque contato sempre ajuda, mas um ponto que eu acho que eles valorizam muito é a questão de títulos acadêmicos. Então eu não tive contatos nas empresas que eu trabalho. Pelo menos na minha experiência pessoal, contato não foi algo fundamental pra conseguir um emprego. Mas eu acho que apesar de eu falar alemão, eu não falo alemão como nativo, eu sei que o alemão conta bastante e eu acho que também. Outro ponto é o fato de ser imigrante, no meu caso, eu não preciso esperar contatos, porque eu tô aqui com visto. Então o primeiro emprego que aparecer, não o primeiro mas se tem a oportunidade, eu vou pegar. Não vou esperar pra que algo melhor aparecer, então eu acho que não é só contato, mas também a questão de ser imigrante porque a gente não pode esperar. Ou pelo menos eu não podia esperar por uma melhor oportunidade, se não por uma boa oportunidade. Às vezes você tá num emprego um pouco mais baixo, numa empresa que talvez não é tão legal que você não pode esperar pra dizer sim pro que apareceu, comparando com muitos dos meus amigos daqui. Mas voltando pro contato, eu acho que ajuda mas não é o fator crucial. Pelo menos da minha perspectiva e na minha experiência, não é o fator crucial.

C: Quais esteriótipos são associados aos latinos americanos?

D: Nessa empresa foram associados alguns esteriótipos, foi um pesadelo. O esteriótipo era de relaxado, que eu não gostava e nas outras empresas, por ser brasileiro eu seria amigável. Então os esteriótipos que a gente não tem ou não carrega é de ser eficiente. Eu acho que isso é algo que impacta bastante na busca de emprego. Mas por outro ponto tem o esteriótipo de ser amigável que é algo que ajuda, porque se você vai negociar ou então você vai se inserir na empresa, meio que todo mundo quer saber do Brasil, então pelo menos comigo todo mundo que saber o que eu gosto, o que eu faço, quer falar de futebol. É um esteriótipo positivo. Mas o negativo é que a nossa cultura não é uma cultura eficiente, é uma cultura de aproveitar a vida e fazer as coisas vagarosamente, ao invés de ser eficiente e trabalhar. Mas esse esteriótipo negativo eu só tive aqui em Viena, nessa empresa foi ruim. Na outra empresa que eu fiquei dois anos, só tive o esteriótipo positivo.

C: Aplicam algum esteriótipo sobre você?

D: Ah sim, tem o esteriótipo visual de que as pessoas pensam que eu sou mais baixo ou bronzeado. É o que me falaram, só to repetindo o que me falaram. Agora, entre amigos é difícil porque meus amigos austríacos são bem cultos então eles sabem do Brasil, da gente, já leram sobre as coisas. Eu nunca tive uma experiência negativa com meus amigos, mas tem aquela experiêndia do WG [apartamento

compartilhado], tipo da gente ser muito higiênico porque a gente toma muito banho. Já escutei também dos meus flatmates [colegas de apartamento] que eu sou obcecado por produto de limpeza, mesmo não sendo. Acho que o dos amigos é limpeza, de novo de ser amigável, de sempre ter comida pra oferecer e compartilhar, de saber dançar. Esses são os esteriótipos de parte do meus amigos.

C: Como caracterizarias a comunidade latino americana?

D: Olha, de forma geral, eu acho que tem muitos encontros, muitas festas mas eu não participo. E da minha realidade, eu conheço alguns brasileiros, eu tenho duas amigas bem próximas. Uma mora aqui em Viena e a outra morava aqui, mas mudou-se pra St Pölten. São amigas brasileiras bem próximas e a gente não faz nada na comunidade latina ou então com outros brasileiros. E com elas às vezes a gente se encontra ou eu me encontro com os amigos delas que também são brasileiros, não são meus amigos mas eu os conheço. É legal porque a gente fala português, se encontra na casa de alguém e conversa, mas não acontece com tanta frequência, já com essas amigas próximas, a gente se encontra – nunca estamos sós. A gente fala na maioria do tempo em inglês porque uma não fala alemão e a outra não fala alemão fluente, então a gente fala em inglês porque estamos sempre rodeados de outros amigos que na maioria são austríacos. Eu tenho duas amigas do Peru também, uma mora aqui perto e quando a gente se encontra a gente fala um misto de inglês, alemão e espanhol porque entre a gente a gente fala espanhol, mas quando estamos com outras pessoas falamos em alemão ou em inglês, uma mistura. Elas também não participam e então nunca me chamaram pra fazer algo da comunidade. E além disso, a namorada de um dos meus amigos é mexicana e ela também não participa das coisas latinas. Mas quando a gente se encontra, essa minha amiga do Brasil, com essas amigas do Peru e essa mexicana, a gente fala espanhol, mas depois muda pro inglês ou alemão porque estamos sempre rodeados por pessoas que não falam espanhol ou português.

C: Como você caracterizaria a diáspora brasileira em Viena?

D: Em Viena, muitas pessoas que eu conheço são mais jovens e se mudaram pra cá por causa da carreira. Ou foi porque receberam uma oferta de emprego, ou porque vieram fazer o doutorado aqui, ou porque vieram fazer o mestrado aqui ou porque receberam uma oferta de emprego na empresa que já trabalhavam - que é o caso de uma amiga que foi transferida pra cá e ela continua trabalhando aqui. A outra fez um doutorado na Alemanha e começou a trabalhar aqui em Viena. E os outros brasileiros que eu conheço foi assim, fizeram o mestrado aqui na Europa e conseguiram um emprego aqui em Viena ou fizeram Doutorado aqui, ou estão fazendo o pós-doutorado e começaram a trabalhar aqui. Então essa é a impressão que eu tenho das pessoas que eu conheço. Todo mundo tem no mínimo

uma graduação, ou um nível superior. Acho que a única que não tem uma pós graduação ou doutorado é essa minha amiga porque ela trabalhava muito tempo no Brasil e no Brasil é diferente, demora mais tempo. E ela é a única que não tem um mestrado, mas todos os outros tem. Eu diria que são pessoas de um nível educacional elevado, profissional elevado e de um nível social se for falar no Brasil, são pessoas que vem pelo menos da classe média. Porque também para falar em inglês no Brasil, você tem que ser pelo menos classe média.

C: Você conhece os perfis migratórios que tem chego do Brasil?

D: No Brasil a gente sempre escuta falar muito da Alemanha e a Áustria é pequena, então quem caiu na Áustria, caiu de paraquedas. Eu acho que nenhum dos meus amigos ou as pessoas que eu conheço ou conheci aqui tinham o sonho de se mudar pra Áustria. Às vezes tinham sonho de se mudar pra Europa mas a Áustria não era a primeira parada.

C: Quais contribuições culturais da comunidade latinoamericana, em especial a brasileira, você considera relevante pra vida em Viena.

D: Comida, mas a gente tem pouca opção. Infelizmente temos poucas opções de lugares brasileiros. Como se conectar através da comida, eu sinto falta de ter um lugar autêntico e não um lugar brasileiro que foi gourmetizado ou transformado num ambiente austríaco. Eu queria algo mais autêntico, eu lembro que tinha até uns restaurantes que serviam feijoada em prato individual. E eu falei assim: “ninguém como no Brasil feijoada individual, e eu não sei como é em São Paulo, mas na Bahia ninguém come feijoada à noite”. Eu sinto falta de um restaurante que pode pedir uma coisa pra dividir. É o ponto que eu mais sinto falta. Porque música tem alguns shows que são legais, que acontece de vez em quando. Música não é algo que vem de migração, é algo que vem porque os artistas passam, porque tem público mas indiretamente ligado á migração. Acho que só a comida e mesmo assim não tem opção.

C: Como você se sente em Viena hoje?

D: Eu me sinto bem. Eu também me sinto integrado, não 100% integrado ainda, eu acho que isso vai demorar, mas me sinto bem. Gosto da cidade, especialmente na primavera e outono. E me acostumei com a cidade também então, é um lugar que eu gosto. Tenho vários amigos internacionais que são legais também e tenho muitos amigos austríacos que são legais. Me sinto bem, até aqui no prédio, conheço os meus vizinhos que são pessoas abertas, eu tenho contato com umas três casas. Então no âmbito prédio, casa, me sinto bem porque tenho pessoas que são abertas e legais, sei que se eu

precisar de alguma coisa, eu posso contar com eles. No bairro, eu tenho essa minha amiga que mora aqui perto, dois amigos, ela é peruana e ele é alemão. A gente tem uma relação muito boa e próxima. E saindo daqui do bairro, tenho amigos que moram ao redor daqui, eu tenho um parceiro que é austríaco. Então no âmbito social, eu me sinto bem integrado, gosto bastante daqui, vários dos meus amigos são austríacos, poucos são de Viena. E na empresa que eu comecei agora, por enquanto, to sentido que as pessoas são bem abertas e eu estou me sentindo bem.

C: E você chegaria a dizer que Viena é casa? Ou que a Áustria é casa?

D: Acho que a Áustria é casa, mas Viena não porque eu me sinto melhor no interior, acho que as pessoas são mais abertas. Eu gosto de estar no interior e sabe, chegar lá na padaria e conversar com o pessoal da padaria e não tem isso em Viena. Acho que a Áustria é casa porque quando eu tô no Brasil e penso que tô voltando pra casa, eu penso na Áustria, e não em Viena. Também porque quando eu vou pro Brasil é inverno aqui então não quero voltar pra cá. Mas sempre que eu penso na Áustria, eu penso nas montanhas, na natureza, nos lagos azuis, no céu azul. Nas cidadezinhas pequenas. Acho que parte do meu coração ainda tá em Salzburg, outra parte tá em Innsbruck e agora como meu parceiro é de Klagenfurt, parte agora em Klagenfurt, mas em Viena tem uma parte também mas não chega a ser assim 100%.

C: O que você de Viena quando escutas o nome da cidade?

D: Eu penso em cultura, penso nos parques, no transporte público, na qualidade de vida, penso no Danubio, penso no prédio da PWC – não sei porque. Penso no Donaukanal, no Ring, penso que vai ter muita batata e maçã, penso que já não quero mais comer batata e maçã. Penso que vai ter comida frita, que o inverno em Viena vai ser pesado. Penso nas pessoas fumando, nas pessoas que são mal amadas e estressadas e não deveriam ser porque vivem em um lugar cheio de privilégios e não tem porque ser tão infeliz e amargurado. Penso também que na falta da minha família, que essa relação dos Austríacos com a família é bem diferente. Se eu tivesse um primo ou prima morando aqui em Viena, eu ia visitá-los toda semana e que várias pessoas que eu conheço em Viena tem familiares aqui, mas por uma questão cultural acaba não tendo relação com a família que mora aqui. E eu gostaria de ter alguém da minha família morando aqui também. Penso na dificuldade que é ir pro Brasil porque não tem vô direto de Viena pro Brasil e penso que eu amo ser baiano, mas às vezes tenho inveja de quem é de São Paulo porque é tipo você via Viena - Frankfurt, Frankfurt - São Paulo ou então Viena – Roma, Roma – São Paulo, ou Viena – Paris, Paris – São Paulo. E eu tenho que ir ou por Lisboa, ou Madrid, e agora Paris e muitas vezes eu tenho que de Viena ir pra outro país, pra então ir pra São Paulo e pra

de São Paulo ir pra Bahia. Então nossa, essa cidade podia ser um pouco mais ligada com o Brasil. Mas então, o que mais eu penso sobre Viena? Penso em bicicleta porque eu gosto de andar de bicicleta. Penso em trem, penso nesse bairro que é um bairro bem gostoso. Penso nas pessoas que vão feder no verão, penso nas várias pessoas que fedem durante o inverno. Penso que apesar de ter um transport público maravilhoso, eu não quero sentar perto de ninguém fedido. Penso que é legal porque dá pra ir pra Innsbruck, dá pra ir pra Salzburg, pra Klagenfurt de uma maneira muito rápida. Penso também que o aeroporto é perto – agora que eu tô trabalhando lá não acho que seja tão perto – mas penso que apesar de não ser bem conectado com o Brasil, é muito fácil voar pra outros lugares e eu acho que isso é bem gostoso de Viena. Então sei lá, quer ir pra Bolonha, pra Holanda, que eu tenho família na Holanda. Da minha casa pro aeroporto é 45 minutos de transporte público, um voo de tarde e dá pra jantar em outro país se eu quisesse. Então eu penso nessas possibilidades, penso que é uma cidade legal apesar dos apesares e seria uma cidade melhor se as pessoas reconhecessem os privilégios que elas têm e fossem felizes com esses privilégios. E penso também que podia ser uma cidade mais aberta pro estrangeiro, porque podia ser uma cidade mais cosmopolita, é uma cidade que tem 2 milhões de habitantes mas é uma cidade um pouco conservadora nesse sentido. Cas você vá trabalhar aqui, em muitos casos, tem que falar alemão, apesar de ser uma capital que tá no centro da Europa, você tem que falar alemão. Então eu acho que apesar de ser uma capital, é uma cidade um pouco provinciana nesse sentido. Podia ser uma cidade muito mais cosmopolita e muito mais aberta, se o idioma não fosse algo que apenas os Austríacos ou Vienenses dominassem. Tipo que eles fossem mais abertos a falarem o Inglês. É algo que eu penso, mas também penso que tem alguns distritos que não são tão organizados ou limpos, com muita gente fumando na rua. Então eu penso também, será que a violência está aumentando? Sei que não dá pra comparar com o Brasil, mas você lê umas coisas e fica meio: “será que a violencia está aumentando? Será que eu posso andar de mãos dadas com meu namorado aqui ou não?”. Mas é, acho que isso também tem um pouco a ver com a questão do idioma e da integração porque eu acho que as pessoas de Viena, não é um lugar tão aberto às diferenças, apesar de ser uma cidade cosmopolita, não é tão aberta a diferença. Se você é branco católico, tudo bem. Se não, não tá tudo bem. Ou você fala alemão, excelente, se você não fala alemão, mesmo tendo um doutorado, não tá tudo bem. Se você tem um doutorado ou outro grau de escolaridade, mas não tem uma cidadania ou não tem um visto de parceria ou casamento, não sei se também está tudo bem pras empresas receberem uma pessoa assim de fora. Então sim, penso que é uma cidade que é cosmopolita e aberta mas pra quem é branco e católico – apesar do nível de religiosidade estar diminuindo. Ou é, é aberto se você quiser trabalhar num cargo mais baixo, mas se você quer trabalhar num cargo mais alto de liderança, tem que ser daqui. Então é cosmopolita, mas nem tanto. É uma cidade boa mas tem seus

apesares. E eu sei o privilégio que eu tenho de morar aqui, de morar no bairro que eu moro com transporte público de qualidade, onde no verão eu posso sair do trabalho e poder nadar e deixar minha mochila com meu notebook na grama e quando eu voltar o computador vai estar lá. De poder andar de bicicleta. Eu sei que por ser homem eu também tenho mais privilégios, por exemplo em bairros que podem ser mais problemáticos, eu sei que posso andar e que nada vai me acontecer por eu ser homem. E sei dos privilégios que a cidade me dá de poder viajar pra outros lugares e do privilégio de ser uma cidade cara e que paga bem e que quando eu viajo, os outros lugares não são tão caros. Então eu diria que é uma cidade nobre, cosmopolita mas nem tanto, uma cidade monumental porque é a capital e uma cidade com um transport público bom.

C: Podes descrever tua experiência migratório em três palavras?

D: Hmm, três palavras? A que mais descreve é intimidante porque eu tava morando em cidades menores então a primeira coisa que eu posso falar é que eu me senti intimidado porque as distâncias são maiores, os prédios são maiores. Segunda palavra seria curiosidade porque eu estava bem curioso pra conhecer a cidade e ver o que tinha pra oferecer e a terceira é qualidade porque apesar de ser cidade grande tem muito qualidade de vida.

(agradecimentos e despedidas)